

# “O que vocês compram com tanta dor e medo?”: *Black Reconstruction* e a tragédia da lealdade à branquitude

“Or what is it you buy so dear/with your pain and with your fear?”:  
*Black Reconstruction and the Tragedy of Allegiance to Whiteness*

Elizabeth Esch\*  
David Roediger\*\*

**Resumo:** Argumentamos que *Black Reconstruction* permanece como a obra mais importante da historiografia dos Estados Unidos publicada no século XX. Sua amplitude é incomparável, ao insistir em compreender a Reconstrução em um arco temporal mais longo do que o convencional, e por sua clareza de propósito. A obra expõe como a adesão à reunificação branca com o Sul levou historiadores brancos do Norte a promover interpretações racistas sobre o que a Reconstrução pretendia alcançar, por quem, e em que medida seus objetivos eram democráticos e profundamente viáveis. Ao situar o fim da escravidão racial e por cativo nos Estados Unidos em múltiplos processos de reforma democrática — que incluíram a auto-organização em massa das pessoas escravizadas —, Du Bois invalidou décadas de historiografia que insistiam em negar a capacidade do protagonismo intelectual negro. Du Bois demonstrou ainda como, ao emergirem do cativeiro, pessoas negras se integraram a redes já existentes, lideradas por negros livres e seus aliados brancos, que forneciam recursos e compromisso político para construir e

---

\* Professora Associada de Estudos Americanos na Universidade do Kansas. É autora de *The Color Line and the Assembly Line: Managing Race in the Ford Empire* (University of California Press, 2018), obra que examina o papel desempenhado pela Ford e pelo fordismo na teorização e estruturação da segregação racial branca no Brasil, na África do Sul e nos Estados Unidos durante o período entre guerras. Em coautoria com David Roediger, é autora de *The Production of Difference: Race and the Management of Labor in US History* (Oxford University Press, 2012). Atualmente, trabalha em um estudo transnacional sobre a aparentemente incessante expansão da automobilidade, *The Cars That Ate the World*. É integrante da campanha global pelo fim da ocupação israelense da Palestina. E-mail: eesch@ku.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8760-3247>.

\*\* David Roediger é professor de Estudos Americanos e História na Universidade do Kansas. Foi presidente da *Working-Class Studies Association* e da *American Studies Association*. Membro de longa data da liderança coletiva da mais antiga editora socialista de língua inglesa do mundo, a Charles Kerr Company, é autor de diversos livros, incluindo uma autobiografia recente, *An Ordinary White*, além de *Class, Race and Marxism*, *The Wages of Whiteness* e, em coautoria com Elizabeth Esch, *The Production of Difference*. E-mail: droediger@ku.edu. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9518-5242>.

sustentar a igualdade negra e garantir os direitos assegurados pelas 13ª, 14ª e 15ª Emendas à Constituição no período pós-Guerra Civil. Sua ampla base de pesquisa, sua metodologia rigorosa e suas conclusões estabeleceram as bases para que gerações posteriores continuassem o projeto de estudar as relações entre racismo e os limites da organização de classe-para-si nos Estados Unidos; o fracasso da classe trabalhadora norte-americana em intervir contra a expansão imperial e o militarismo do país; e a persistente disposição de manter a fidelidade a aspirações raciais em detrimento das aspirações de classe, mesmo quando essas não são explicitamente nomeadas.

**Palavras-chave:** *Black Reconstruction*; branquitude; história da classe trabalhadora.

**Abstract:** We argue that *Black Reconstruction* remains the most important work of United States history published in the 20th Century. It is unmatched for its scope, which insists on understanding Reconstruction in a longer timeline than conventionally done, and for its clarity of purpose. It exposes how allegiance to white reunification with the South led northern white historians to promote racist interpretations of what Reconstruction sought to accomplish, by whom, and to what degree its goals were democratic and profoundly viable. By situating the end of racial, chattel slavery in the United States in multiple processes of democratic reform that included the mass self-direction of enslaved people, Du Bois invalidated decades of historiography that continued to deny the capacity of Black intellectual leadership. Du Bois further demonstrated how, in emerging from chattel slavery, Black people joined already existing networks led by free Black people and their white allies providing resources and political commitment to building and sustain Black equality and securing the rights guaranteed in the 13th, 14th and 15th Amendments to the Constitution in the post-war United States. Its expansive research base, its rigorous methodology, and its conclusions laid the basis for subsequent generations to continue the project of studying relationships between racism and the limits of class-for-itself organizing in the US; the failure of US labor to intervene against American imperial expansion and militarism; and the ongoing willingness to retain allegiance to racial rather than class aspirations, even when not named as such.

**Keywords:** *Black Reconstruction*; whiteness; working-class history.

**O** ANO DE 2025 marca o 90º aniversário da primeira publicação de uma obra sem paralelo: *Black Reconstruction in America: An Essay Toward a History of the Part which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880* de W.E.B. Du Bois. Só foi em 2022, no entanto, que a *American Historical Review* (AHR), o principal periódico da área de história nos Estados Unidos, publicou uma resenha sobre ela. O que veio a ocorrer em meio a pedidos públicos de desculpas e retratações por omissões do passado. Não é exagero dizer que o livro e seus argumentos foram silenciados por uma aliança tácita de guardiões brancos

da historiografia, em defesa daqueles que Du Bois tentou, e conseguiu, desmascarar, embora não tenha conseguido destronar.

Ainda que as razões para esse silêncio prolongado tenham variado ao longo das décadas, e não possam hoje ser plenamente conhecidas, é certo afirmar que o principal periódico de historiadores do país ignorou, de forma sistemática, talvez o livro mais importante sobre a história dos Estados Unidos em todo o século XX. Vale lembrar que, em 1910, a própria AHR havia publicado o artigo de Du Bois “Reconstruction and its Benefits”, que era uma versão revista de um texto apresentado por ele, em 1909, na reunião anual da *American Historical Association*. Na ocasião, Du Bois pediu que o periódico mantivesse a letra maiúscula “N” na grafia de Negro, mas o editor à época, J. Franklin Jameson, recusou. Já ali despontavam os indícios de como seus princípios e ideias seriam alvejadas por um projeto de silenciamento. Aquele foi o primeiro artigo assinado por um intelectual negro a ser publicado pela AHR, o único por quase 70 anos.<sup>1</sup>

Começamos com esse episódio para destacar o quanto nossa admiração por Du Bois não se limita à força de suas ideias ou à originalidade de sua pesquisa, mas também à sua impressionante determinação. Sua trajetória de vida reúne uma sucessão de feitos notáveis. Sabemos que ele foi o primeiro estudante negro a obter um doutorado em Harvard. Também que sua tese, de 1895, *The Suppression of the African Slave Trade to the United States of America, 1638-1870*, foi o primeiro trabalho de um autor negro publicado pela universidade em 1896. Não é possível saber, mas é preciso fazer uma pausa de respeito diante do quanto Du Bois se viu obrigado a lutar, incansável e teimosamente, com firmeza e toda a paciência do mundo, em disputas cotidianas que poderiam parecer triviais, mas eram de enorme peso simbólico e político – como a insistência em grafar Negro com “n” maiúsculo.<sup>2</sup>

Pesquisadores que escreveram sobre *Black Reconstruction* lembram que o livro, à época, chegou sim a receber avaliações favoráveis, inclusive de alguns historiadores e sociólogos acadêmicos, sobretudo na imprensa de grande circulação. Publicado pela editora Harcourt Brace, and Company, o livro atraiu atenção considerável em jornais e revistas. Um pesquisador observa que os números informados pela editora a Du Bois, quando a primeira tiragem se esgotou, indicam que cerca de 150 exemplares, de um total de 2.150 impressos, foram enviados como cópias para resenha – o que mostra que o lançamento teve um alcance significativo e foi pensado para repercutir.<sup>3</sup>

1 DU BOIS, W.E.B. **Black Reconstruction in America**. New York: Free Press, 1988 (originalmente 1935), é a edição de *Black Reconstruction* utilizada ao longo deste artigo. Sobre a recepção do livro, ver a introdução de David Levering Lewis a essa edição. Ver também APTEKER, Herbert. **The Literary Legacy of W.E.B. Du Bois**. White Plains, NY: Kraus International Publications, 1989. p. 211-256. FONER, Eric. *Black Reconstruction: An Introduction*. **South Atlantic Quarterly**, v. 112, n. 3, p. 409-418, Summer 2013; e, no mesmo volume, HOLT, Thomas. ‘**A Story of Ordinary Human Beings**’: The Sources of Du Bois’s Historical Imagination in *Black Reconstruction*”, p. 419-435. Sobre a correspondência com a Harcourt, Brace, ver HARTMAN, Andrew. W.E.B. Du Bois’s ‘Black Reconstruction’: The New (Marxist) Historiography, S-USIH. **Society for US Intellectual History Blog**, 2017.

2 PARFAIT, Claire. *Rewriting History: The Publication of W.E.B. Du Bois’s Black Reconstruction in America (1935)*. **Book History**, v. 12, p. 266-294, 2009.

3 Ibidem.

Devido à estatura de Du Bois como intelectual e militante da liberdade e da igualdade negra, *Black Reconstruction* teve a grande vantagem de suscitar respostas sérias, inclusive críticas, vindas sobretudo da esquerda e, em especial, de intelectuais negros de orientação radical. Abram Harris e outros pensadores socialistas negros independentes reconheceram a profundidade e a importância da análise de Du Bois, ainda que não deixassem de apontar divergências.<sup>4</sup> Um indício eloquente da força interpretativa de *Black Reconstruction* foi o fato de que o Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), então em seu auge de influência, sentiu-se compelido a publicar um livro em resposta direta à obra de Du Bois. Assim, em 1937, o organizador e militante judeu Sol Auerbach, escrevendo sob o pseudônimo James S. Allen, lançou *Reconstruction: The Battle for Liberation, 1865-1876*. A obra de Allen buscava oferecer uma leitura alternativa à ênfase de Du Bois no caráter proletário da Reconstrução, e, portanto, ao seu potencial profundamente transformador. Em contraste, o livro patrocinado pelo CPUSA argumentava que a Guerra Civil e a Reconstrução deveriam ser vistas, mais propriamente, como uma “revolução burguesa”, e não como um processo de natureza revolucionária dos trabalhadores, como sustentava Du Bois.<sup>5</sup>

Esses espaços de reconhecimento, tanto para o livro quanto para a estatura de seu autor já renomado, seriam de enorme importância nos anos seguintes, durante a Guerra Fria, quando o Estado norte-americano levou Du Bois a julgamento por travar aquilo que ele próprio chamou de uma “batalha pela paz”, e quando a maior parte dos historiadores acadêmicos falhou em apoiá-lo, defendê-lo ou sequer lê-lo. Mesmo durante a sombria década de 1950, Du Bois ainda conseguia atrair atenção pública, especialmente entre a comunidade negra e a militância radical, o que foi decisivo para manter viva a circulação de *Black Reconstruction*. Naquele momento, a vitalidade da obra se perpetuava através da Nova Esquerda, dos pensadores negros revolucionários e dos historiadores que começavam a escrever a história “a partir de baixo”, desafiando os cânones e as convenções da historiografia profissional.<sup>6</sup>

Qualquer tentativa de compreender o impacto e a permanência de *Black Reconstruction* precisa começar por reconhecer sua urgência, rigor e ousadia. É um livro monumental, não apenas pelo seu tamanho. A obra-prima de Du Bois transborda de ideias, personagens vívidos, exposições minuciosas e até de poesia: nas letras de canções que ele cita com frequência e, sobretudo, nos trechos em que sua própria escrita ultrapassa os limites da prosa. Du Bois reivindicava que a história que contava representava o clímax do “mais magnífico drama dos últimos mil anos da história humana”; que se tratava de “um levante da humanidade, comparável à Reforma e à Revolução Francesa”; e que continha ainda “uma tragédia que fazia empalidecer

4 HARRIS, Abram L. Reconstruction and the Negro. **New Republic**, 7 Aug. 1935.

5 ALLEN, James. **Reconstruction: The Battle for Liberation, 1865-1876**. New York: International Publishers, 1937.

6 DU BOIS, W.E.B. **In Battle for Peace**. New York: Masses and Mainstream, 1952. SAXTON, Alexander. **The Great Midland**. Urbana: University of Illinois Press, 1997, originally 1948, xxiv and ROEDIGER, David. The Making of a Historian: An Interview with Sterling Stuckey. **Journal of African American History**, 99, p. 88-105, Winter-Spring, 2014. MARHO. The Radical Historians Organization, Interview with David Montgomery. **Visions of History**. Manchester: Manchester University Press, 1983, 17, and the materials cited in n. 1 above. ALLEN, op. cit., 1937.

as gregas”.<sup>7</sup> De fato, *Black Reconstruction*, com sua insistência em colocar em primeiro plano tanto as forças sociais quanto a fragilidade humana, permanece como um exemplo raro e extraordinário do que pode acontecer quando um historiador escreve aquilo que Raymond Williams chamaria de uma “tragédia social”.<sup>8</sup>

O brilhante historiador Moon-Ho Jung iniciou sua recente homenagem ao livro com uma afirmação categórica: “A meu ver, *Black Reconstruction* é o maior livro já produzido por um historiador profissional nos Estados Unidos”. E prosseguiu dizendo:

“A Reconstrução foi muitas coisas para Du Bois, mas, acima de tudo, foi a luta épica entre a ditadura do capital (a plutocracia) e a ditadura do trabalho (a democracia), uma luta de alcance verdadeiramente mundial. [...] A plutocracia venceu. E, para Du Bois, essa foi a tragédia duradoura da Reconstrução: a incapacidade dos norte-americanos de compreender suas implicações nacionais e globais”.<sup>9</sup>

As palavras de Jung expressam bem nossa própria experiência de leitura desse livro e nosso reconhecimento compartilhado de sua importância e de seu significado. Por isso, sentimos grande honra em contribuir com esta seção especial da *Revista Mundos do Trabalho*, que coincide com a primeira publicação de *Black Reconstruction* em português, e em refletir sobre o impacto duradouro que essa obra exerceu sobre nosso trabalho ao longo das décadas. Dentro das limitações de espaço, esperamos indicar como essa influência se estendeu também a outros estudiosos da história da Reconstrução e, além disso, a outras dinâmicas e processos históricos que ultrapassam aquele recorte da história dos Estados Unidos. Organizamos nossas reflexões em torno de três eixos principais: primeiro, a formulação da Reconstrução como um drama no interior de uma história da classe trabalhadora profundamente atravessada pela questão racial e moldada pela ação decisiva dos próprios escravizados, cuja luta pela liberdade Du Bois concebeu como uma greve geral; segundo, as formas pelas quais as análises densas e incisivas de Du Bois sobre a posição e a consciência dos trabalhadores brancos contribuíram, a partir da década de 1990, para o surgimento dos Estudos Críticos da Branquitude (Critical Study of Whiteness) como campo de investigação, dentro e fora da história do trabalho.

E terceiro, a ênfase de Du Bois de que, embora a escravidão nos Estados Unidos tenha assumido muitas formas, ela deve ser estudada, acima de tudo, como um sistema de trabalho moderno, de alcance nacional e globalmente interligado. O foco de Du Bois na centralidade do trabalho e do imperialismo para compreender a luta contra a supremacia branca e em favor do socialismo orienta também nossas próprias pesquisas – sobre as práticas gerenciais dos senhores de escravos e o uso do que chamamos de “gestão pela raça” em ambientes industriais

7 DU BOIS, op. cit., 1988, p. 727.

8 WILLIAMS, Raymond. *Modern Tragedy*. Peterborough: Broadview Press, 2006. 149 and passim.

9 JUNG, Moon-Ho. Black Reconstruction and Empire. *South Atlantic Quarterly*, v. 112, n. 3, p. 465-471, Summer 2013. Evidentemente, nada disso implica que *Black Reconstruction in America* esteja acima de críticas. Os melhores exemplos de como abordar as áreas que Du Bois elide sem perder de vista a força do livro são WEINBAUM, Alys Eve. Gendering the General Strike: W. E. B. Du Bois's Black Reconstruction and Black Feminism's 'Propaganda of History'. *South Atlantic Quarterly*, v. 112, n. 3, p. 437-463, Summer 2013; e, no mesmo volume, GLYMPH, Thavolia. Du Bois's Black Reconstruction and Slave Women's War for Freedom, p. 489-505.



do século XX. Da mesma forma, as conexões estabelecidas por empresas norte-americanas entre a chamada administração científica e a ideia de que seus gerentes, engenheiros e industriais possuíam um saber especializado sobre como a raça, a deles e as demais, deveria estruturar a produção industrial moderna têm orientado nossa análise sobre a formação do império econômico dos Estados Unidos.

Os três capítulos iniciais de *Black Reconstruction* apresentam o elenco de personagens que compõem o enredo teatral da obra. Neles, o capítulo “O Trabalhador Branco” surge entre o que o precede, “O Trabalhador Negro”, e o que o sucede, “O Senhor de Escravos” (“Planter” no original). Essa sequência e, em especial, o capítulo do meio, dificilmente poderia ter sido mais inovadora. Como escreveu o historiador e militante Noel Ignatiev, em 2003, “entre os estudiosos, foi W. E. B. Du Bois quem primeiro chamou a atenção para o problema do trabalhador branco”.<sup>10</sup> Em momentos de verdadeiro entusiasmo, Du Bois descreve os instantes de reconhecimento mútuo e solidariedade potencial entre os trabalhadores brancos e negros, quando o reconhecimento de interesses comuns, o da humanidade e do heroísmo dos que lutavam por sua própria emancipação, pareciam apontar para a possibilidade de uma aliança. A tragédia, porém, está no movimento oposto: esses mesmos trabalhadores brancos foram arrastados pelo pânico diante da concorrência do trabalho negro, pela influência do pensamento racial, sobretudo a respeito das distorções sobre as relações de gênero e sexualidade através da linha de cor, e pela força dos patrões e das elites, que conseguiam assegurar a lealdade até mesmo dos brancos mais pobres. Essas práticas, entre tantas outras, puxavam os trabalhadores brancos na direção contrária. Não de modo inevitável, nem de forma exclusiva, essa segunda força acabou predominando. Suas vitórias reforçaram os interesses da propriedade e impediram que os trabalhadores brancos aderissem, de modo duradouro, às possibilidades do que Du Bois chamou de iniciativas “proletárias” no Sul, e, da mesma forma, os levaram a excluir trabalhadores afro-americanos das organizações trabalhistas no Norte.<sup>11</sup>

Tão amarga era essa dinâmica, somada às complicações geradas pela imigração em massa para o Norte e à influência dos brancos pobres do Sul escravista que migraram para o Oeste, levando consigo o apego à hierarquia e à desigualdade racial, que o capítulo “O Trabalhador Branco” termina de forma sombria, ainda que profundamente eloquente. Du Bois lamenta que, no exato momento em que a humanidade poderia ter-se libertado de seu “baixo desejo por mera carne” e aprendido a “sonhar e cantar”, um compromisso persistente com o “sistema de castas raciais” – “fundado e mantido pelo capitalismo [...] impulsionado e legitimado pelo trabalho branco...” – tenha resultado na subordinação do trabalho negro aos lucros brancos em todo o mundo. Esse processo, observa Du Bois, condicionou os trabalhadores brancos não apenas a se contentarem com muito menos, mas também a acreditarem que os negros não deveriam ter direito sequer a isso. Quando retomou esse conjunto de questões na

10 IGNATIEV, Noel. Whiteness and Class Struggle. *Historical Materialism*, 11:4, p. 227, 2004.

11 ROEDIGER, David. *Seizing Freedom: Slave Emancipation and Liberty for All*. London; New York: Verso Books, 2014. p. 119-25. DU BOIS, op. cit., 1988, p. 381, 17-31 and 727.

segunda metade do livro, Du Bois acentuou o impacto devastador dessa trajetória do trabalho branco norte-americano sobre o restante do mundo, escrevendo: “Quando os trabalhadores brancos se convenceram de que a degradação do trabalho negro era mais importante do que a elevação do trabalho branco, o fim estava à vista”.<sup>12</sup> Du Bois encerra o capítulo “O Trabalhador Branco” evocando o poeta Percy Bysshe Shelley, a quem concede as últimas — e tristes — palavras: “O que é isso que vocês compram tão caro, com sua dor e com seu medo?”.<sup>13</sup>

O impacto mais direto sobre nosso trabalho, e sobre os estudos que analisam criticamente a branquitude nos Estados Unidos, se manifesta nas páginas finais de *Black Reconstruction*. Ali, Du Bois aprofunda a reflexão sobre os atrativos específicos que levaram os trabalhadores brancos a valorizarem tanto os supostos benefícios da branquitude, a ponto de se afastarem das possibilidades de agir coletivamente como classe e de construir, nesse processo, uma identidade social compartilhada em tempos de crise e transformação. Du Bois formulou então uma frase que passou despercebida na época, mas que veio a se tornar uma das mais citadas de toda a obra: a de que “o grupo de trabalhadores brancos”, embora mal remunerado, era “compensado em parte por uma espécie de salário psicológico”. As dimensões públicas dessa remuneração simbólica incluíam o acesso a melhores escolas e parques, a possibilidade de participar das eleições e da escolha de líderes, e, em certas circunstâncias, até tratamento preferencial por parte de tribunais e policiais “retirados de suas próprias fileiras”. Além disso, esses trabalhadores podiam exigir “deferência pública” dos afro-americanos. Tudo isso, observou Du Bois, tinha pouco ou nenhum efeito sobre sua situação econômica, mas as práticas de segregação do regime Jim Crow permitiram que os governantes reforçassem sua própria autoridade ao recompensar trabalhadores brancos por meio de construções simbólicas que atravessavam as linhas de classe. Esses apelos eram psicológicos e irracionais, embora possuíssem uma lógica estreita e perversa, que se traduzia em vantagens materiais. Du Bois explicou: “[O policiamento dos escravos] oferecia [aos brancos pobres] emprego e certa autoridade – como capatazes, feitores ou membros das patrulhas de escravos. Mas, acima de tudo, alimentava sua vaidade, pois os fazia sentir-se associados aos senhores”.<sup>14</sup> Aproximando-se da conclusão de sua narrativa, Du Bois resumiu o cálculo cruel que moldou a realidade branca: “Todo problema do avanço dos trabalhadores no Sul”, escreveu ele, “era habilmente transformado pelos demagogos em uma questão de inveja inter-racial”.<sup>15</sup>

No final da década de 1980, David Roediger voltou a ler *Black Reconstruction*, depois de tê-lo estudado 20 anos antes com seu orientador, o especialista em escravidão e também estudioso de Du Bois, Sterling Stuckey. O motivo imediato dessa releitura era compreender o movimento conservador e o deslocamento à direita de trabalhadores brancos que antes votavam no Partido Democrata, mas que, diante dos apelos racializados de Ronald Reagan

12 DU BOIS, op. cit., 1988, p. 347.

13 No original: Or what is it ye buy so dear/With your pain and with your fear?” Ibidem, p. 12, 30, and 17-31.

14 Ibidem, p. 12.

15 Ibidem, p. 700-01.

e de outros republicanos, passaram a apoiar o Partido Republicano. Mesmo com os ataques de Reagan aos sindicatos, esse fenômeno dos chamados “democratas reaganistas” (Reagan Democrats) parecia exigir uma explicação que incluísse, mas também ultrapassasse, a dimensão da economia política.

Foi então que a expressão de Du Bois — “salário psicológico” (public and psychological wage) — saltou das páginas e ofereceu a Roediger um novo ponto de partida. O livro resultante, dedicado às origens da identidade do “trabalhador branco” no Norte dos Estados Unidos antes da Guerra Civil, recebeu o título de *The Wages of Whiteness* e deveu a Du Bois inúmeras inspirações, inclusive o tom trágico, que situava as escolhas dos trabalhadores brancos dentro de uma tragédia social. A obra, relativamente breve, mas publicada num momento singularmente oportuno, circulou amplamente, a ponto de as expressões “salário psicológico” e “salário da branquitude” passarem a ser usadas quase como sinônimos, levando alguns autores até a supor que esta última teria sido cunhada pelo próprio Du Bois. Nenhum autor poderia desejar uma confusão mais fértil e afortunada!<sup>16</sup>

Aqui queremos fazer duas observações pontuais: uma sobre a história intelectual dos Estudos Críticos da Branquitude em relação à história da classe trabalhadora, e outra sobre o marxismo, ambas exploradas de modo muito mais detalhado em outros textos nossos.<sup>17</sup> A primeira diz respeito à forma como devemos compreender o uso que Du Bois faz da palavra “psicológico” em sua famosa expressão. Essa palavra deve ser levada a sério, e não entendida, como *The Wages of Whiteness* por vezes pode sugerir, apenas como sinônimo de “mental”, tampouco como uma defesa da ideia marxista de “falsa consciência”. Como mostra a crescente literatura sobre Du Bois e a psicanálise, o período em que ele concluía *Black Reconstruction* não marcou apenas um retorno a antigos diálogos com o marxismo, mas também o início de um envolvimento intenso com as ideias freudianas. Em sua autobiografia de 1940, *Dusk of Dawn*, Du Bois situou, por volta de 1930, o momento em que, segundo ele:

[...] o significado e as implicações da nova psicologia começaram lentamente a penetrar meu pensamento. Meu próprio estudo de psicologia [...] antecederia a era freudiana, mas me preparara para ela. Comecei então a perceber que, na luta contra o preconceito racial, não enfrentávamos apenas a determinação racional e consciente dos brancos em nos oprimir; enfrentávamos complexos seculares, hoje transformados em hábitos inconscientes e impulsos irracionais.<sup>18</sup>

16 ROEDIGER, David. **The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class**. London; New York: Verso Books, 1991. Sobre as “happy confusions”, ver, por exemplo, REED JR. Adolph. Du Bois and the ‘Wages of Whiteness’: What He Meant, What He Didn’t, and, Besides, It Shouldn’t Matter for Our Politics Anyway, publicado em nonsite.org., 29 jun. 2017; e MYERS, Ella. Beyond the Wages of Whiteness: Du Bois on the Irrationality of Antiracist Racism, Items: **Insights from the Social Sciences**, 21 mar. 2017. Disponível em: <https://items.ssrc.org/reading-racial-conflict/beyond-the-wages-of-whiteness-du-bois-on-the-irrationality-of-antiracist-racism/>.

17 ROEDIGER, David. Accounting for the Wages of Whiteness: U.S. Marxism and the Critical History of Race. In: Wulf Hund, David Roediger e Jeremy Krikler (ed.). **The Wages of Whiteness and Racist Symbolic Capital**. Berlin: LIT, 2011. p. 9-36; e, em registro autobiográfico, ROEDIGER, David. **An Ordinary White: My Antiracist Education**. [s.l.], Fordham University Press, 2025. p. 138-170.

18 DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. Piscataway: Transaction Publishers, 2009, originalmente 1940. p. 295-296. Ver, também, SULLIVAN, Shannon. On Revealing Whiteness: A Reply to Critics. **Journal of Speculative Philosophy**, v. 21, p. 231-232, 2007. COVIELLO, Peter. Intimacy and Affliction: Du Bois, Race and



Portanto, ele não cunhou a expressão “salário psicológico” de modo casual. Mais de 50 anos depois, considerando o quanto os historiadores do trabalho permaneciam hostis a qualquer aproximação com a psicanálise, teria sido interessante que *The Wages of Whiteness* tivesse reivindicado explicitamente a autorização intelectual de Du Bois nesse terreno. Tal como foi publicado, o livro apresentava apenas incursões modestas nessa direção, procurava ver o racismo dos trabalhadores brancos como resultado, em parte, de mecanismos de projeção e, em parte, de desejo e inveja em relação a aspectos reais ou imaginados da vida negra. Essas leituras deviam tanto à Escola de Frankfurt quanto a Freud. Seu diálogo com a psicanálise, de resto, foi estimulado apenas por um pequeno número de intelectuais: o historiador do trabalho George Rawick, o cientista político radical Michael Rogin e alguns membros do *Chicago Surrealist Group*.<sup>19</sup>

O estudo recente sobre a branquitude nasceu como um campo de investigação inaugurado pelos próprios povos escravizados e indígenas, que buscavam compreender seus opressores enquanto eram forçados a lidar com as expressões perniciosas, desumanas e muitas vezes sádicas do poder branco.<sup>20</sup> Nosso segundo ponto diz respeito à forma como, nos anos 1990, a pesquisa acadêmica sobre a branquitude se inspirou nessa história, de modo que o interesse e o debate cresceram até formar um novo campo, que passou a ser conhecido como Estudos Críticos da Branquitude. Os historiadores que desenvolveram esse campo não se interessavam apenas pela história do trabalho e pela persistente lealdade dos trabalhadores brancos à identidade racial. Eles também se engajavam com um marxismo profundamente influenciado por Du Bois, e em particular por *Black Reconstruction*. Um exemplo notável é Alexander Saxton, autor de *The Rise and Fall of the White Republic*, provavelmente o melhor estudo sobre branquitude publicado no início da década de 1990. Mesmo tendo nascido na mesma cidade que Du Bois, Saxton atribui aos livreiros comunistas que conhecera longe dali o mérito de tê-lo apresentado a *Black Reconstruction*.<sup>21</sup>

As obras monumentais publicadas em meados da década de 1990, como os dois volumes de Theodore W. Allen, reunidos sob o título *The Invention of the White Race*, refletiam, em muitos aspectos, a influência de *Black Reconstruction*, ao desenvolver ideias que o autor já esboçara em panfletos revolucionários dos anos 1960. Allen também chegara a *Black Reconstruction* por meio do movimento comunista, e foi ele quem apresentou o livro a Noel Ignatin, seu ocasional

---

Psychoanalysis. **MLQ: Modern Language Quarterly**, v. 64 p. 2 e 3-37, 2003. ZWARG, Christina. Du Bois on Trauma: Psychoanalysis, and the Would-Be Black Savant. **Cultural Critique**, n. 51, p. 1-39, 2002. MYERS, Ella. Beyond the Wages of Whiteness.

19 ROEDIGER, op. cit., p. 25-30; ver também HARTMAN, Andrew. The Rise and Fall of Whiteness Studies. **Race and Class**, v. 46, p. 35, out. 2004. Dave foi membro ativo do Chicago Surrealist Group do final da década de 1970 até os anos 1990.

20 WARRIOR, Robert. Lone Wolf and Du Bois for a New Century: Intersections of Native American and African American Literatures. In: MILES, Tiya; HOLLAND, Sharon (ed.). **Crossing Waters, Crossing Worlds: The African Diaspora in Indian Country**. Chapel Hill: Duke University Press, 2006. p. 181-196.

21 SAXTON, Alexander. **The Rise and Fall of the White Republic: Class Politics and Mass Culture in Nineteenth Century America**. New York: Verso, 2003, originally 1990. SAXTON, **The Great Midland**, xxiv. ALLEN, Theodore. **The Invention of the White Race**. 2 vol. (1: Racial Oppression and Social Control; 2: The Origin of Racial Oppression in Anglo-America). New York: Verso, 1994 and 1997.

colaborador em panfletos de agitação política, que mais tarde adotaria o nome Noel Ignatiev e publicaria outra obra fundamental dos anos 1990: *How the Irish Became White*. Já o principal trabalho dos anos 1990 sobre branquitude na história do Direito, o ensaio “Whiteness as Property”, de Cheryl Harris, também se apoiou em *Black Reconstruction* para formular algumas de suas ideias centrais, sobretudo em torno do conceito de “salário psicológico”.<sup>22</sup> Na poderosa abertura de seu texto, Harris descreve de forma eloquente os riscos físicos e os danos psíquicos e espirituais enfrentados por qualquer pessoa negra que tentasse se “passar por branca”. O que poderia parecer uma estratégia prática – um meio de alcançar salários mais altos, maior mobilidade ou prestígio social –, na verdade, expunha com brutal clareza a dimensão letal do valor atribuído à branquitude, um valor que seus “verdadeiros” e autoproclamados proprietários defendiam com ferocidade. Quando essa identidade branca passou a ser reconhecida e protegida pelos tribunais como mais valiosa, ela se transformou, literalmente, em um ativo material, uma forma de propriedade.

O que esses estudos sobre a emergência e a expansão da identidade racial branca tinham em comum era a ênfase no trabalho e na propriedade (particularmente na propriedade privada), isto é, nos trabalhadores e nas condições em que viveram e lutaram, ao longo do tempo, nos Estados Unidos. Não seria correto dizer que esse foco específico no contexto norte-americano constituía uma limitação; contudo, as abordagens transnacionais, globais e anticoloniais sugeridas em vários momentos de *Black Reconstruction* ainda não haviam sido plenamente incorporadas com o mesmo rigor. Em trabalhos anteriores, Du Bois já havia demonstrado sua compreensão tanto da ordem econômica imperial quanto da importância global da linha de cor. Isso se observa desde sua tese de doutorado de 1895 — que se tornou seu primeiro livro, *The Suppression of the African Slave Trade to the United States of America, 1638-1870* (1896), passando por *The Souls of Black Folk* (1905), e *The Souls of White Folk* (publicado originalmente em 1910 e depois revisado e reeditado em *Darkwater*, 1920) além do notável artigo publicado na *Atlantic Monthly* em 1915, “The African Roots of War”. Mas foi com *Black Reconstruction* que Du Bois acrescentou algo inegavelmente novo e decisivo à sua análise: a centralidade do “trabalhador negro” dentro da classe trabalhadora norte-americana, presumidamente branca, e dos sindicatos que, tanto no Sul quanto no Norte, foram intencionalmente construídos para serem brancos.<sup>23</sup>

Para Du Bois, a classe trabalhadora norte-americana ampliada e multirracial, que ele obrigou o mundo acadêmico (e não apenas ele) a reconhecer, estava intimamente ligada ao destino do trabalho em escala internacional. Isso nos conduz à parte final: o significado da obra de Du Bois para o nosso próprio trabalho. Partindo de sua constatação de que os problemas

22 IGNATIEV, Noel. **How the Irish Became White**. New York: Routledge, 1995. HARRIS, Cheryl. Whiteness as Property. **Harvard Law Review**, 106, 1741-742, June 1993.

23 DU BOIS, W. E. B. **The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870**. New York: Longman's, Green and Co., 1896. Idem, **The Souls of Black Folk**. Chicago: A. G. McClurg, 1903. Idem, *The Souls of White Folk*. In: DU BOIS, W. E. B. **Darkwater**. New York: Harcourt, Brace, 1920. Idem, *The African Roots of War*. **The Atlantic Monthly**, p. 707-714, 1915.

enfrentados pelos trabalhadores eram globais, ainda que experienciados de formas particulares, identificamos nas nuances do marxismo de Du Bois em *Black Reconstruction* uma metodologia para o estudo do trabalho racializado, simples em sua formulação, mas de forma alguma simplista. Não por acaso, o livro se inicia com um capítulo intitulado “O Trabalhador Negro” — e não “O Escravo” ou “O Trabalhador Escravizado”. Com essa decisão aparentemente pequena, mas de profundo significado, Du Bois coloca no centro da narrativa o trabalho dos negros libertos durante a Reconstrução, trabalhadores cuja liberdade era incerta, constantemente ameaçada, mas que, ainda assim, assumiram o controle de suas próprias vidas e da história. Sem a ação dessas milhões de pessoas anteriormente escravizadas, sem que privassem o sistema escravista de sua mão de obra, jamais teria ocorrido aquilo que Du Bois descreve com precisão: “Quando os exércitos do Norte entraram no Sul, tornaram-se exércitos da emancipação. Era a última coisa que planejavam ser”. Somente por meio da retirada coletiva de sua força de trabalho é que as massas de negros escravizados criaram o contexto em que o Norte, que “não pretendia atacar a propriedade” nem “libertar os escravos”, foi forçado a confrontar uma nova realidade concreta.<sup>24</sup>

À medida que buscavam defender politicamente suas riquezas e seu poder diante dos desafios do pós-guerra, Du Bois observou que os antigos senhores de escravos do Sul insistiam constantemente na eficiência do trabalho negro para as tarefas ordinárias e em sua “equivalência essencial com o trabalho europeu”. Contudo, como também desejavam manter o controle sobre o trabalho negro de formas o mais próximas possíveis da escravidão, esses mesmos senhores gritavam que a inteligência superior era impossível para o negro.<sup>25</sup> É justamente nesse espaço de contradição que se insere nossa pesquisa sobre o surgimento das teorias sulistas de administração do trabalho. Argumentamos que a linguagem da gestão moderna no Sul foi mobilizada para preservar, primeiro, a escravidão e, depois, a supremacia branca e o regime de Jim Crow. Apesar de o país ter sido o berço dos sistemas de gestão e produção mais amplamente difundidos, como o taylorismo (ou administração científica) e o fordismo, o desenvolvimento da técnica de gestão moderna nos Estados Unidos esteve, desde o início, imbricado na ideia de que a “perícia” racial da elite branca era fundamental para o gerenciamento bem-sucedido da força de trabalho. Os debates entre senhores de escravizados sobre como administrar melhor os cativos eram extensos e abrangiam desde métodos de otimização da produtividade até a reprodução social e biológica dos trabalhadores escravizados. Revistas especializadas, como *The Planter*, publicavam debates contínuos entre proprietários, que misturavam verdades e mentiras ao afirmar que o segredo de sua riqueza e poder residia em seu suposto conhecimento sobre a melhor forma de gerir os escravizados. Outra publicação, *The American Cotton Planter*, trazia em seu cabeçalho uma imagem emblemática: um trabalhador negro industrioso, uma prensa para enfardar algodão, um barco a vapor e uma ferrovia — ao mesmo tempo em que

24 DU BOIS, op. cit., 1988, p. 55.

25 ESCH, Elizabeth; ROEDIGER, David. **The Production of Difference: Race and the Management of Labor in US History**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 22.

declarava seu compromisso com a “economia de *plantation*”. Foi justamente a restauração do desejo da elite branca de supervisionar, controlar e enclausurar todos os aspectos da vida negra que tornou possível o processo que os conservadores chamaram de “redenção do Sul”, isto é, a reconquista do poder político e social pelos antigos senhores sob novas formas de dominação racial.

Em nossas pesquisas, mostramos como as técnicas modernas e “científicas” de gestão, e até mesmo o controle exercido pelo ritmo e pela pressão da linha de montagem, se articularam com ideias aparentemente retrógradas e arcaicas sobre raça. O racismo, é claro, não chegou ao mundo colonizado apenas no século XX; o que surgiu nesse período foi uma nova configuração da linha de cor, entendida como um conjunto de práticas econômicas e sociais, muitas vezes apresentadas como metas de modernização e progresso nacional. A linha de cor, que Du Bois afirmara, em outro contexto, que viria a se espalhar pelo mundo todo, passou a servir politicamente e socialmente aos projetos de modernização, conferindo à raça relevância em termos específicos e instrumentais. Em múltiplos contextos nacionais, a contribuição singular das corporações norte-americanas foi associar a disciplina fabril à crença no “aperfeiçoamento racial e nacional”. O livro de Elizabeth Esch, *The Color Line and the Assembly Line: Managing Race in the Ford Empire*, apresenta um estudo de caso sobre as práticas da Ford na África do Sul, no Brasil e nos Estados Unidos durante o período entre guerras.<sup>26</sup> Esch demonstra que os critérios que definiam “a raça branca” variavam em cada uma dessas três sociedades, ainda que um compromisso geral com a supremacia branca tenha adquirido *status* de modernidade e progresso ao ser associado à promessa da produção e do consumo em massa em todas elas. *Black Reconstruction* e a obra de Du Bois influenciaram diretamente a pesquisa e o argumento desse livro, oferecendo um exemplo vívido de como o global e o local podem ser analisados simultaneamente e de modo dialético.

Ao tentar reconciliar as tensões próprias do mundo industrializante da produção agrícola, os senhores de escravos do Sul debatiam entre si com base em supostas evidências científicas sobre questões como: a quantidade “correta” de castigo físico, o tempo de trabalho adequado, a porção ideal de alimento ou mesmo a dose conveniente de religião necessária para garantir a máxima produtividade das pessoas que possuíam como propriedade. Nossa interpretação de que esses debates eram, em essência, discussões sobre gestão, não é uma reflexão contemporânea. Os senhores e proprietários de escravos defendiam a escravidão reivindicando para si o *status* de “raça dirigente”, e parte de seu poder se expressava na pretensão de possuir um saber especializado sobre todas as raças. Os periódicos e jornais do período anterior à Guerra Civil dedicavam páginas e mais páginas a esse discurso de gestão saturado de racismo, no qual os “mestres” apresentavam sua linguagem de comando e controle como a chave para extrair e organizar o trabalho do qual dependiam os grandes escravistas.<sup>27</sup> Entretanto, “as prescrições

26 ESCH, Elizabeth. **The Color Line and the Assembly Line: Managing Race in the Ford Empire**. Berkeley: University of California Press, 2018.

27 Ibidem.

de gestão oferecidas pelos senhores poderiam facilmente ser tomadas como evidência de sua falta de controle e de seu consequente desejo de inventar um discurso biogerencial que jamais poderia existir de fato”.<sup>28</sup> Mesmo os “estudos” que esses brancos endossavam revelavam profundas fissuras nas tentativas dos senhores de justificar de modo pragmático ou científico a ordem econômica que sustentavam

Como Du Bois retratou de modo elegante, embora profundamente doloroso, aquela era uma ordem que jamais funcionou sem recorrer ao isolamento, à brutalidade pura, à ameaça constante de venda e separação familiar e à imposição de todas as formas imagináveis de dor. A justificação dessa violência, mesmo quando disfarçada sob o nome de “gestão”, encontrava seus argumentos mais fortes na alegada permanência da subordinação negra à superioridade branca. Tais argumentos expõem o caráter tautológico do racismo: um circuito de retroalimentação, em que as afirmações fundadoras — em torno da negação da capacidade e da humanidade negra — são “comprovadas” pela própria existência contínua da supremacia branca, que, em essência, é a mesma coisa.

Em 2013, Ferruccio Gambino refletiu sobre o significado de *Black Reconstruction* para o movimento estudantil revolucionário na Itália e na Europa, no que chamou de “véspera de 1969”. Ele escreveu:

A guinada de Du Bois parecia estar mais em sintonia com as revoltas anticoloniais na Ásia e na África dos anos 1920 do que com a política interclassista das frentes populares, com sua aliança com as potências coloniais e o abandono das lutas anticoloniais — posições oficialmente adotadas pela Terceira Internacional no mesmo ano da publicação de *Black Reconstruction*. Em outras palavras, o livro de Du Bois foi um marco da historiografia para todos aqueles cuja história havia sido negada ou roubada.<sup>29</sup>

Concordamos com essa leitura e, ao fazê-lo, reconhecemos a generosidade e a liderança intelectual daqueles que, no passado e no presente, têm narrado e mantido vivas as diversas lutas e movimentos negros (Black Freedom Movement) por liberdade nos Estados Unidos.

Encontramos alento, em tempos difíceis, na magnitude do projeto que Du Bois concebeu para si mesmo: elaborar o argumento de *Black Reconstruction*, reunir evidências amplas e profundas para sustentá-lo e, por fim, escrever quase quinhentas mil palavras situando-o no tempo e no espaço. O método e a visão que Du Bois defendeu nessa obra inspiraram em nós e em outros pesquisadores a ideia e a prática de um tipo de método histórico antirracista — uma sensibilidade, talvez até uma ética — inspirada pela beleza e pela força criativa das ações coletivas autônomas e pela potência insubstituível da solidariedade genuína. Fazemos isso em oposição, em diálogo e às vezes em paralelo às teorias clássicas de poder e de organização “de classe-para-si”, cujos adeptos, ao tratar tais modelos como absolutos, por vezes se tornaram incapazes de ver e ouvir os próprios trabalhadores. Não há argumento melhor, para mostrar

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> GAMBINO, Ferruccio. Reading *Black Reconstruction* on the Eve of 1969. *South Atlantic Quarterly*, 112, n. 3, p. 530, Summer 2013.



como a história se faz de modos imprevisíveis e surpreendentes, frequentemente por sujeitos igualmente inesperados, do que *Black Reconstruction*. A cada vez que voltamos a esse livro em sala de aula e vemos nossos estudantes inspirarem-se em sua clareza ética e em sua força analítica, sentimos que sua mensagem se renova. Talvez agora, mais do que nunca, ele nos lembre da urgência de continuar.

Recebido em: 30/11/2025

Aceito em: 30/11/2015